

AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS NA REGIÃO NORTE FLUMINENSE: UMA PERSPECTIVA SOB O OLHAR DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DA REDE DE ENSINO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ

Ananda Dias Barcelos (UENF)

anandadibarcelos@hotmail.com

Bianca Amaral Freitas (UENF)

bianca.uenf@gmail.com

Flávia Lopes Barbosa Siqueira (UENF)

flavia.lbsiqueira@gmail.com

Raquel França Freitas (UENF)

raquelfreitas@hotmail.com

RESUMO

A partir da elaboração do *corpus* “A língua falada na Região Norte Fluminense” o presente trabalho tem por objetivo coletar material linguístico em forma de entrevistas semiestruturadas, pautadas na metodologia de coleta e transcrição dos dados do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Além disso, compreender de que forma as professoras alfabetizadoras concebem a variação linguística na sua prática pedagógica. Para isso, valemo-nos de alguns teóricos como SOARES (2004, 2016); ROSSI (2012); BAGNO (2008); MORTATTI (2006, 2010); GONTIJO (2009); CAGLIARI (2009) entre outros. Assim, depreendemos alguns resultados iniciais, pois a pesquisa ainda se encontra em andamento, como: nas falas coletadas, identificamos que as docentes possuem uma compreensão equivocada de frases e palavras ditas e escritas como “erradas” ou “certas” e que a variação linguística não é trabalhada no processo de alfabetização e letramento.

Palavras-chave:

Alfabetização. Sociolinguística. Variação linguística.

ABSTRACT

Based on the elaboration of the *corpus* “The language spoken in the Northern Fluminense Region”, the present work aims to collect linguistic material in the form of semi-structured interviews, based on the methodology of data collection and transcription of the Discourse & Grammar Study Group, of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). In addition, to understand how literacy teachers conceive linguistic variation in their pedagogical practice. For that, we used some theorists like SOARES (2004, 2016); ROSSI (2012); BAGNO (2008); MORTATTI (2006, 2010); GONTIJO (2009); CAGLIARI (2009) among others. Thus, we infer some initial results, as the research is still ongoing, such as: in the statements collected, we identified that the teachers have a mistaken understanding of phrases and words said and written as “wrong” or “right” and that the linguistic variation it is not worked on in the process of literacy and literacy.

Keywords:
Literacy. Sociolinguistics. Linguistic variation.

1. Introdução

Sabe-se que Brasil é um país desigual, inclusive no que diz respeito à educação, que muitos ignoram as variedades linguísticas existentes e excluem aqueles que não possuem o domínio do português padrão. Ao abandonarmos as variações que a língua apresenta, estaríamos também abandonando todo o contexto histórico, social, cultural e geográfico relacionado a ela, deixando de lado toda individualidade do sujeito. Esta pesquisa tem por motivação a necessidade de estudos linguísticos no processo de alfabetização e letramento no que tange às variedades linguísticas e o combate ao preconceito linguístico sob a influência de obras importantes do autor Marcos Bagno.

Além disso, observa-se que o preconceito linguístico é praticado por muitos influenciadores, inclusive, é uma prática comum entre alguns professores. Ademais, alguns livros didáticos potencializam ainda mais esse viés. Assim como outros preconceitos, o preconceito linguístico é algo grave e demanda um olhar mais crítico.

A partir de tal situação, surge a seguinte questão-problema: qual a perspectiva das professoras alfabetizadoras de Campos dos Goytacazes-RJ em relação às variedades linguística e como elas costumam trabalhar estas variações na prática?

De tal questionamento, traçou-se o objetivo geral analisar de que forma os docentes abordam no processo de alfabetização, as variedades linguísticas existentes, visto que, é uma fase de suma importância na aquisição da leitura e escrita da língua materna. Ainda pretendemos com o estudo, pensar em estratégias e novas formas de combater o preconceito linguístico. A partir desse intento, alguns objetivos específicos tornam-se relevantes, como: 1) demonstrar como se dá o ciclo alfabetizador, bem como seu impacto para a sociedade; 2) discorrer acerca da Sociolinguística variacionista e sua importância para os estudos linguísticos; 3) analisar as práticas docentes dos alfabetizadores de Campos dos Goytacazes-RJ frente às variedades linguísticas.

Este estudo conta com uma base quali-quantitativa fundamentado em pesquisas bibliográficas e está relacionada ao Corpus “As variedades linguísticas na Região Norte Fluminense” na qual foram realizadas en-

trevistas semi estruturadas com professoras alfabetizadoras de Campos dos Goytacazes-RJ.

Nesse sentido, a pesquisa torna-se relevante uma vez que contempla questões linguísticas presentes no cotidiano de alunos e professores a fim de compreendê-las e proporcionar reflexões acerca do preconceito linguístico, com o intuito de combatê-lo.

O desenvolvimento do trabalho inicia com considerações acerca do ciclo alfabetizador, compreendendo sua importância e as séries que fazem parte dele. Em seguida, contemplamos a Sociolinguística Variacionista no sentido de prestigiá-la, mostrando seu objeto de estudo e seu papel na sociedade. Por fim, mostramos, a partir de uma entrevista semi-estruturada, as concepções de ensino dos professores alfabetizadores de Campos dos Goytacazes-RJ com relação as variações linguísticas no contexto escolar.

2. Ciclo da alfabetização

Na contemporaneidade, a palavra ciclo dentro da Educação Brasileira é utilizada para demarcar os níveis em que se divide o tempo de ensino. O Ensino Fundamental tem um período de 9 anos, sendo, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, o ciclo de alfabetização constituído pelos três primeiros anos iniciais do ensino fundamental – EF (crianças de 6 a 8 anos), entretanto, o prazo estipulado para alfabetizar foi antecipado para o 2º ano, salientando que, no 3º ano este processo continua, porém, com mais foco na ortografia. A alfabetização tem como objetivo principal a aquisição da leitura e da escrita. Tal processo exige que apesar do prazo determinado para alfabetizar deve-se respeitar o tempo de aprendizagem de cada discente, tal qual aqueles que possuem alguma deficiência. O processo de alfabetização começa com toda bagagem vinda da Educação Infantil – EI, que passa a ser trabalhada de uma forma mais aprofundada e significativa. Nesta fase o docente tem um papel de extrema importância, o de mediador pedagógico. É importante que o educador faça planejamento de atividades e trace alguns objetivos a fim de alcançar as metas do processo de ensino aprendizagem.

Como destacado, o processo de alfabetizar se inicia a partir dos conhecimentos prévios da Educação Infantil, e apesar do prazo para plena alfabetização dos discentes, podemos dizer que esse processo vem

caminhando desde antes do ingresso ao EF. Em um dos trechos da Base Nacional Comum Curricular, é mencionado que:

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letamentos (BRASIL, 2016)

O Ciclo de Alfabetização encontra-se organizado em quatro bases, sendo elas:

I – Oralidade

II – Estudos linguísticos

III – Leitura de textos

IV – Elaboração de textos

A alfabetização é o princípio fundamental da educação, quando se começa a desenvolver todos os processos fundamentais para a autonomia do aluno, desde a leitura, até mesmo formação de pensamentos críticos. Diante desse contexto podemos dizer que o ato de tornar uma pessoa alfabetizada é uma maneira de dar dignidade ao mesmo, ao torná-lo um cidadão com plenos direitos e participante integral da sociedade. A BNCC (2016) declara que, aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social.

Estudos realizados pelo INEP (2018) mostram o alto índice de analfabetismo no Brasil. Segundo o “Mapa do Analfabetismo” esse mal atinge todas as idades, com maior foco em pessoas de famílias de classe baixa. As famílias com renda superior a dez salários-mínimos, o índice de analfabetismo é de 1,4%, enquanto as com famílias de classe baixa, de renda inferior a um salário-mínimo, o índice apresentado é de 29%. Assim, podemos constatar que esse problema está diretamente ligado a situação social dessas pessoas, com exceção a famílias que possuem pessoas com deficiência. Precisamos considerar que essa questão não é um problema atual no nosso País, é algo que se perpetua desde o Brasil Colônia. Conforme menciona Otaviano Helene (2013), presidente do

Inep, em matéria realizada – Estudo detalha situação do analfabetismo no País, Inep, 2003, salienta que,

[...] os analfabetos nas faixas etárias mais avançadas foram criados pelo sistema educacional de décadas atrás, os analfabetos mais jovens deveriam ter sido alfabetizados ao longo dos últimos anos, mostrando assim a atual situação do ensino fundamental em nosso País (INEP, 2013)

Perante o que foi exposto nos estudos, precisamos repensar a educação, tal qual, a realidade social dessas pessoas. Precisamos reinventar os profissionais da educação, tornando-os ainda mais capacitados e completos, a fim de diminuir esse grande abismo existente. O educador precisar ser capaz de realizar o processo de ensino aprendizagem, mas também ser capaz de formar cidadãos que possam contribuir com a sociedade em que vivem. Diante disto, é imprescindível que a formação e atuação desses discentes sejam de qualidade para efetivar seu papel.

3. *Sociolinguística Variacionista*

A Linguística é uma ciência relativamente nova, na qual estudam-se os fenômenos da língua humana e todos os seus aspectos. Entende-se que a língua é um fator que influencia na relação do homem com o mundo. Desse modo, parte-se do princípio que o homem e a língua caminham juntos, ou seja, a língua depende da organização da sociedade, e a organização da sociedade depende da língua e suas diversas transformações. Sabe-se então, que o ser humano é linguístico e social e esses não se desprendem. A análise dessa relação entre o homem e a língua é função da Sociolinguística.

Infere-se que o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua, porém, observa-se a sua preocupação com as questões sociais. De acordo com a visão de Labov (1972), não existe uma sociedade com uma fala homogênea. Na verdade, existem variações dentro de uma comunidade heterogênea. Nesse sentido, não há dois indivíduos que se expressam da mesma maneira, nem um único indivíduo que se expresse de forma unificada em diversas situações. Espera-se que em cada situação de comunicação o sujeito apresente uma nova fala.

A Sociolinguística Variacionista é um ramo da Sociolinguística no qual se trata da evolução da língua em um contexto social. Compreende-se que esta ramificação é uma área de grande importância para o cenário brasileiro, visto que vivemos em um país com uma enorme extensão territorial e com uma riqueza de diversidade e pluralidade cultural.

Além do mais, sabe-se que o Brasil possui uma desigualdade social muito evidente que influencia diretamente nos diferentes modos de falar das pessoas.

A Sociolinguística Variacionista parte do princípio de que a variação linguística é analisada em relação a fatores externos: classe socioeconômica, faixa etária, gênero, grupo étnico, lugar de origem, grupo geracional, escolarização, redes de relações sociais, e também quanto a fatores internos, inerentes ao sistema. Ou seja, a variação não ocorre de forma caótica e assistemática, mas sim corresponde à coexistência de diferentes normas linguísticas (FREITAG e LIMA, 2010, p. 46)

De acordo com a Sociolinguística, as distintas maneiras de falar dos indivíduos denomina-se por variedades linguísticas. A variação linguística está presente em todas as sociedades, logo, acredita-se que esse fato é um fenômeno linguístico. Tomamos como exemplo a Língua Portuguesa, onde sabe-se que português falado no Brasil não é o mesmo português falado em Portugal. Segundo Bagno (2006) a língua está em constante mudança, e toda língua além de variar geograficamente, também pode variar com o tempo. “A língua que falamos hoje no Brasil é diferente da que era falada aqui mesmo no início da colonização, e também é diferente da língua que será falada aqui mesmo dentro de trezentos ou quatrocentos anos!” (BAGNO, 2006, P. 21). Linguistas apontam que toda língua muda com tempo e varia nos espaços. Esses fenômenos são a mudança diacrônica (tempo) e a variação diatópica (geográfica).

É preciso entender que o sujeito que fala diferente não fala errado. No entanto, nota-se há um enorme preconceito linguístico por aquilo que não estamos acostumados a ouvir, ou seja, quando os modos de falar são diferentes. Primeiramente, é necessário deixar claro que no Brasil não existe uma língua única. Atualmente existem mais de 200 línguas faladas no nosso país. Devemos ressaltar também que a maioria da população brasileira fala o português não-padrão. Isso se deve a um sistema totalmente excludente no qual vivemos. “– O português não-padrão é a língua da grande maioria pobre e dos analfabetos do nosso povo (...) É também, conseqüentemente, a língua das crianças pobres e carentes que freqüentam as escolas públicas” (BAGNO, 2006, p. 29).

A partir disso, julga-se necessário que a escola, enquanto instituição social, deveria ter um papel de intervenção e combate ao preconceito linguístico, porém constata-se que não acontece dessa forma. Na maioria das vezes a escola não compreende a variação linguística e tenta impor a norma padrão dentro de sala de aula, sem se preocupar com a realidade destes alunos.

Nosso sistema educacional valoriza aquelas crianças que já chegam à escola trazendo na sua bagagem linguística o português-padrão e expulsa as que não o trazem. Isso é uma grande injustiça, como disse a Vera, porque é exatamente esse português-padrão que deveria ser ensinado na escola, porque ele permite que o aluno originário das classes sociais desfavorecidas se apodere de um recurso fundamental em sua luta contra as desigualdades sociais, tão profundas em nosso país. (BAGNO, 2006, p. 30)

Segundo Bagno (2007), o preconceito linguístico está diretamente ligado a um embate entre a gramática normativa e a língua. Esse tipo de preconceito vem sendo alimentado em diversos ambientes como televisão, rádios, jornais, revistas. É comum vermos filmes e novelas colocando os nordestinos como sujeitos atrasados que falam com uma característica bem peculiar, no qual nem se parece com a verdadeira fala das pessoas que vivem no nordeste brasileiro. No que se refere à gramática normativa, é primordial que seja revisto a maneira que a comparamos a língua. Enquanto a gramática não costuma sofrer muitas alterações durante os anos, a língua está em constante mudança e variação. Hoje vivenciamos várias discussões sobre os mais diversos tipos de preconceitos. Preconceito de raça, de gênero, de classe social, mas pouco se fala sobre o preconceito linguístico. O preconceito linguístico é um erro gravíssimo presente na nossa história e é nosso dever levá-lo ao conhecimento dos pais, alunos, educadores e toda sociedade para tentar combatê-lo.

4. Análise dos dados coletados

A partir da análise das entrevistas feitas com professoras alfabetizadoras da região de Campos dos Goytacazes-RJ, foi possível constatar resultados importantes para entender como o ciclo vicioso do preconceito linguístico explicado por Bagno permanece vivo. De acordo com as palavras do autor,

Esse círculo vicioso se forma pela união de três elementos que, sem desrespeitar meus amigos teólogos, costumo denominar “Santíssima Trindade” do preconceito linguístico. Esses três elementos são a *gramática tradicional*, os *métodos tradicionais de ensino* e os *livros didáticos*. (BAGNO, 2015, p. 109, 110)

Mais à frente, ele ainda complementa explicando que os três elementos que fazem com que o ciclo continue a existir são agravados por um quarto, denominado *comandos paragramaticais*. Esse elemento é

representado pelas manifestações da mídia as quais reforçam a ideia equivocada de que o brasileiro não sabe falar português adequadamente. Este é só mais um mito propagado pelas mídias sociais, empresas jornalísticas, livros e manuais de “como falar certo”, entre outros.

Dessa forma, estas crenças são fomentadas até mesmo dentro das próprias salas de aula porque, além de serem inculcadas facilmente na mentalidade da sociedade, não é comum, na formação do professor conhecimentos linguísticos acerca do português brasileiro e das variedades pertencentes a ele. Os profissionais da área da educação precisam conhecer as variedades linguísticas da nossa língua e compreender o preconceito linguístico, como ele é perpetuado e como as práticas pedagógicas também são fundamentais na desconstrução deste ciclo.

A entrevista foi realizada de forma semiestruturada, ou seja, as perguntas foram previamente realizadas, mas caso algum informante dispusesse de algo interessante, poderia acontecer uma mudança de foco. Tivemos dez professoras entrevistadas, que foram realizadas via vídeo, já que estamos vivendo num contexto pandêmico de isolamento social. No entanto, fizemos uma seleção de respostas que mais dialogavam com a proposta aqui apresentada, já que alguns informantes não quiseram responder algumas perguntas ou também, alguns não compreenderam muito bem a pergunta.

Durante a análise das entrevistas, foi possível identificar uma concepção preconizada sobre erros e acertos referentes a falas marcadas por dialetos e variações linguísticas. Também foi possível verificar uma compreensão equivocada em algumas falas, no que se refere à *língua materna* e um padrão de práticas no ensino da mesma. Para a análise das 10 entrevistas feitas, seguimos os padrões de transcrição do *corpus* “As variedades linguísticas na região Norte Fluminense” e apresentaremos alguns exemplos de falas importantes a seguir:

Você se recorda de alguma situação em que o aluno... em conversa... disse alguma palavra ou frase que não estivesse de acordo a gramática normativa? Como você reagiu?

Informante 1: “Nesse momento de aprendizagem... muitas vezes repete o que ouve... Não sabe ainda identificar o certo do errado... No decorrer do/ do/ do processo é:: enfatizado a palavra correta para que a criança... né... codifique ao certo e assim continuar... né... E não permanecendo falando a palavra errada...”

Informante 2: “[...] Esse aluno... no caso... não teve a mesma oportunidade convivendo numa comunidade na qual não existe essa norma... né...”

e:: vinha a falar como os seus pais... como os seus vizinhos... Como as pessoas de sua comunidade... na oralidade dele... ele estava certo... mas... nós... que estávamos convivendo fora daquela realidade dele sabíamos que não estava adequado para a nossa... Então... Foi no dia a dia que ele foi entendendo onde estava ocorrendo os:: erros e ele mesmo por ele mesmo ia endireitando...”

“A gente chama depois... quietinho... né... ou então... É:: fala ‘Ó... é assim... Você falou assim pra tia... A tia entendeu... É assim que se fala... aos pouco você vai entender...’ E se for uma coisa que dá para você falar de novo na presença dos outros Coleguinhas... você vai repetindo aquilo ali da maneira certa que eles vão entender... A criança ela tem uma::/ pega... né... tem uma sensibilidade grande e eles entendem...”

De acordo com seus conhecimentos e suas experiências quais são os procedimentos mais adequados... que você mais utiliza para trabalhar a língua portuguesa com seus alunos?

Informante 1: *“Eu começo partindo da leitura compartilhada... Levo uma leitura toda segunda feira... um texto... esse texto ele é xerocado e dado um a cada aluno e aí cada um vai lendo um pedaço... A partir daí eu vou vendo como que está o nível de leitura de cada aluno... Pontuação... dicção... linguagem... oralidade... interpretação... e aí a gente vai percebendo como que está cada criança na parte literária... Depois nós temos interpretação desse texto... nós temos produção escrita... produção oral... temos contação de histórias... cada um leva um livro de história... e aí eles podem contar o que entenderam... relatar o que entenderam através da escrita... através da oralidade... Enfim... são inúmeras as formas de trabalhar a leitura dentro da sala de aula...”*

Informante 2: *“Eu trabalho assim... com o método fônico... Daquilo ali eu gosto de trabalhar com texto... eu gosto co/ principalmente com rimas... essa parte de aprendizagem/ de início de aprender a ler e escrever... trabalhar com rimas é muito importante... poemas... né... e sempre/ a gramática... quando eu vou trabalhar a gramática... se eu trabalho com as crianças maiores... eu não vou trabalhar a gramática solta até porque aquilo ali não vai ter utilidade pra eles... é sempre dentro de algum contexto... dentro de algum:: texto... dentro de alguma música... né... ou trabalhando até com outras disciplinas aquilo ali... É assim...”*

Informante 3: *“É:: é através de historinhas... né... Que a criança vai buscar... né... sua leitura e descobrir as palavras.”*

Informante 4: *“Tudo o que você for trabalhar com o seu aluno na língua portuguesa... é bom partir da realidade de coisas que:: a/ tudo de coisas que a/ que está no:: na realidade dele... Que sejam brinquedo... que seja um filminho que todo mundo tá falando... um/ porque aí você pode começar trabalhar a língua portuguesa ali... É um texto... você vai começar com a palavra... porque a gente parte da palavra...”*

Nos exemplos das falas apresentadas a respeito de formas de trabalhar a língua portuguesa, foi possível identificar um padrão na utilização de textos para estimular a leitura compartilhada, acarretando outro problema, a falta de valorização da oralidade nesse período.

Qual a sua opinião sobre o ensino da língua materna oferecido na escola que você trabalhou ou trabalha?

Informante 1: *“A língua... é/ a/ o jeito que é ensinado... é isso? [Isso!] Na escola que eu... Qual o quê? Qual o quê?”*

Informante 2: *“A linguagem materna não é só da mãe... a criança não aprende só da mãe... Mas... ela desde o momento que ela está no ventre ela já houve ali de dentro da barriga... né... ”Ah... Tem aqui fecundado um feto... Uma coisa linda que vai desenvolver”... E aí ela já começa a ouvir as palavras maternas... né... E a: e ali só/ é a primeira comunicação da mãe que recebe... né... a criança vai receber o amor... o carinho/ e saber amar... né...”*

Como você acha que deve ser trabalhada a variação linguística nessa fase de alfabetização e letramento?

Informante 1: *“Essa variação... é:: e/ é:: depende muito do nível da turma que a gente pega uma turma que não foi/ não teve um avanço... é:: não teve um trabalho lúdico na educação infantil... de forma a ser trabalhada de todos os símbolos... de todas as letras... sílabas... se ela não teve uma identificação num todo... essa variação linguística ela tem que começar muito/ muito de baixo... muito lentamente... muito na pesquisa... muito no lúdico também para eles poderem ir avançando gradativamente pra gente poder trabalhar... então... o todo mais pra frente...”*

Informante 2: *“Eu trabalho/ Eu aprendi... né... porque eu tenho muito tempo de sala se aula... Mas... eu tenho pouco tempo de sala de aula de alfabetização... Mas... naquilo que eu fui vendo... né... O desenvolvimento deles e agora... dentro da realidade da qual nós vivemos... professores em sala de aula que as crianças chegam cada vez mais fracas... mais defasadas no primeiro ano... o método fônico... para mim... é o que tem mais resultado ultimamente... é aquele eu consigo ver que realmente eles conseguem se desenvolver...”*

Informante 3: *“Muitas pesquisas... recorte... colagem com letras para formação de palavras... Buscar/ hoje não tem jornal... mas tenho certeza que ainda existem muita revista que a gente possa pegar ainda e fazer per/ pesquisa de palavras... pesquisando palavras com figuras e ali ir formando novas palavrinhas... Como por exemplo “Ai”... “Ui”... “Que saudade” (risos).”*

5. Conclusões

Diante do que foi exposto, averiguamos que o preconceito linguístico é um problema sério e presente atualmente. Fato esse que deveria ser combatido, uma vez que vivemos num país com um território extenso e

repleto de diversidade cultural, social e linguística. Com isso, é muito comum considerarmos que as pessoas falam diferente.

Constatamos que a alfabetização é uma etapa importante na vida do indivíduo assim como as práticas pedagógicas envolvidas nela, pois é um ciclo de novas descobertas, novas práticas, assim, é importante que nessa fase, haja um cuidado especial.

Além disso, verificamos, através das entrevistas e do recorte aqui exposto, que algumas professoras alfabetizadoras ainda contribuem para o preconceito linguístico, mesmo que não seja intencionalmente. Pois ainda não se vê um trabalho profícuo envolvendo as variações linguísticas, que estão presentes tanto no âmbito escolar, quando fora dele. Assim, seria interessante que essas professoras pudessem ter acesso a essas novas vertentes da língua, para que no futuro, não haja mais o preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. *A Língua de Eulália*. Novela Sociolinguística. 15. ed. São Paulo, 2006.

_____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2016.

FREITAG, R. M. K. LIMA, G. O. S. *Sociolinguística*. São Cristóvão, SE: CESAD, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Raquel_Freitag/publication/324969198_Sociolinguistica/links/5aeda9dca6fdcc8508b8041c/Sociolinguistica.pdf. Acesso em: 28 nov. 2020.

INEP: *Estudo detalha situação do analfabetismo no País*, 2003. Disponível em: http://inep.gov.br/artigo//asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/estudo-detalhasituacao-do-analfabetismo-no-pais/21206. Acesso em: 28 nov. 2020.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MEC/INEP. *Mapa do Analfabetismo no Brasil*. Brasília, 2003.